

# REVISTA ABA+

## ALFABETIZAÇÃO



Mais do que ensinar o código escrito, alfabetizar significa possibilitar que o aluno compreenda o funcionamento da linguagem e use a leitura e a escrita de forma significativa em diferentes contextos. pág 16

# Agradecimentos

Aos nossos leitores,

Esta 11ª edição, marcada por temas tão sensíveis e potentes — como Consciência Negra, alfabetização, luto, inclusão comportamental, alimentação consciente e literatura que desperta mundos — só existe porque existe também uma rede de mãos, vozes e corações que acredita no mesmo propósito.

Agradecemos aos autores e colaboradores que emprestaram sua experiência e sensibilidade para compor essa edição plural e profundamente humanizada: Débora Helena Fernandes, Silvia Cristina A. dos Santos, Mateus Silva, Aline Alves, Tetê Ribeiro, e também Sandra Paro, Cris Alves, além da equipe criativa da Um Ponto Marketing, que dá forma e ritmo às páginas que você lê.

Cada texto aqui presente é mais do que conteúdo: é gesto. Gesto de cuidado, de estudo, de compromisso ético, de responsabilidade social. É a crença de que educar, acolher e incluir são práticas diárias, construídas coletivamente.

Agradecemos, especialmente, a você que lê, compartilha, divulga, comenta e faz dessa revista um espaço de diálogo vivo. Vocês são a razão de continuarmos, edição após edição, buscando novas perspectivas, aprofundando reflexões e ampliando pontes entre saberes.

Seguimos juntos — pela educação que liberta, pela ciência que transforma, pela cultura que nos conecta e por uma sociedade que reconhece a força de cada história.

Com afeto e gratidão,  
Equipe ABA+ Inteligência Afetiva

DIREÇÃO

**SANDRA PARO**

COLABORAÇÃO

**ALINE ALVES E MATEUS SILVA, DÉBORA FERNANDES, TETÊ  
RIBEIRO, SILVIA C. A. DOS SANTOS**

REVISÃO E TEXTO

**CRIS ALVES**

EDIÇÃO E  
DIAGRAMAÇÃO

**UM PONTO MARKETING**

ORGANIZAÇÃO DOS EVENTOS

**MARIA RAFAELA FEITOZA**

CONSELHO EDITORIAL

**SANDRA PARO, CRIS ALVES, CHRISTIANE  
MAMEDE E MARIZA DOMINGUES**



# S U m a r i o

**05**

## **DA EDITORA**

Uma carta da editora  
aos queridos leitores

**06**

## **BRASILIDADES**

Dia da consciência  
Negra

**13**

**É VERDADE. #SQN**  
ABA "mascara" o  
autismo.

**15**

## **PAPO DE PROFESSOR**

Alfabetizar é  
Encantar!

**19**

## **DICAS DO PROFISSIONAL**

Continue

**23**

## **SOCIEDADE**

Inclusão  
Comportamental: o papel  
do RH e da liderança na  
construção de carreiras  
neurodivergentes

**26**

## **ESCREVENDO EM FOGO BAIXO**

Como tirar o açúcar do  
pedestal.

**30**

## **DICA DE LEITURA**

Amoras: poesia,  
ancestralidade e  
amor-próprio na voz  
de Emicida



39

**ABA+ ACADEMY**

Black Academy, Black  
ABA+ e Tirinha do Dante  
e Fanny



Caros leitores,

Chegar à penúltima edição do ano renova nosso compromisso com uma educação que une ciência, afeto e responsabilidade social. Nessa edição, destacamos temas fundamentais: o Dia da Consciência Negra, com a força histórica de Zumbi dos Palmares; e a alfabetização, apresentada por Débora Helena Fernandes como um processo que encanta, transforma e abre caminhos para o pensamento crítico.

Também trazemos reflexões importantes de nossos autores: Mateus Silva, com uma análise ética e atual da ABA; Aline Alves, discutindo alimentação consciente e o papel do açúcar em nossas práticas; Tetê Ribeiro, com um olhar sensível sobre o luto; e Silvia Cristina A. dos Santos, que aborda inclusão comportamental e carreira para pessoas neurodivergentes.

Cada texto reafirma o que nos move: educar, incluir e cuidar como práticas diárias e urgentes. Que a edição inspire novas reflexões e fortaleça nosso compromisso coletivo com uma sociedade mais justa, consciente e humanizada.

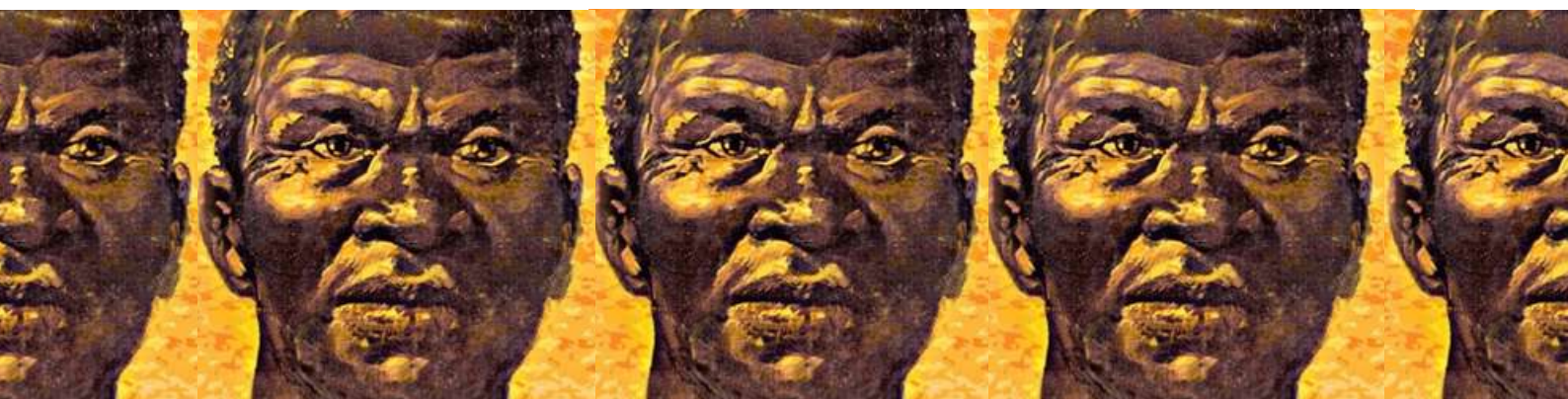
Com carinho,

Equipe ABA+



# DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

um chamado à  
responsabilidade  
coletiva



A origem do Dia da Consciência Negra está diretamente ligada aos movimentos sociais que lutaram para substituir a celebração de 13 de maio — dia da assinatura da Lei Áurea — por uma data que representasse a verdadeira luta e resistência do povo negro. O 20 de novembro foi, portanto, escolhido não para exaltar a “benevolência” da princesa Isabel, mas para reafirmar o protagonismo dos negros na conquista de sua liberdade e dignidade. Assim, o dia simboliza não apenas a memória da escravidão, mas também a força e a contribuição do povo afro-brasileiro na construção do país.

O Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, não deve ser visto apenas como um feriado, mas como uma oportunidade de reflexão e ação contra o racismo, o preconceito e a exclusão social que marcaram, e ainda marcam, a história do Brasil. A data, que homenageia Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência contra a escravidão, nos convida a reconhecer a importância da cultura africana na formação da identidade nacional e a construir uma sociedade que valorize todos os seus cidadãos de forma igualitária.





*Salvador, Bahia, Brasil - 20 de novembro de 2021: Membros de castiçais e entidades negras participam da lavagem da estátua do líder negro Zumbi dos Palmares no Centro Histórico da cidade de Salvador.*

— Foto de joasouza

No entanto, a realidade mostra que ainda estamos longe da tão desejada igualdade entre brancos e negros. Apesar dos avanços sociais, os afrodescendentes continuam a enfrentar desigualdades profundas em relação à educação, ao mercado de trabalho e à moradia. São eles que, majoritariamente, vivem nas periferias, têm menos acesso à universidade e sofrem com o racismo —explícito ou velado — no cotidiano. Esse cenário revela que o legado da escravidão ainda ressoa nas estruturas sociais brasileiras, limitando oportunidades e perpetuando injustiças.

Hoje, observa-se um movimento importante de fortalecimento da consciência negra. Os negros — pretos e pardos — estão cada vez mais orgulhosos de sua identidade e de seus traços, que por muito tempo foram alvo de discriminação. Essa valorização é essencial para a construção da autoestima e da representatividade, contudo, ela não atingiu todos os setores da sociedade, e por isso, é importante que adotemos uma postura antirracista, como bem afirma a ativista norte-americana Angela Davis.

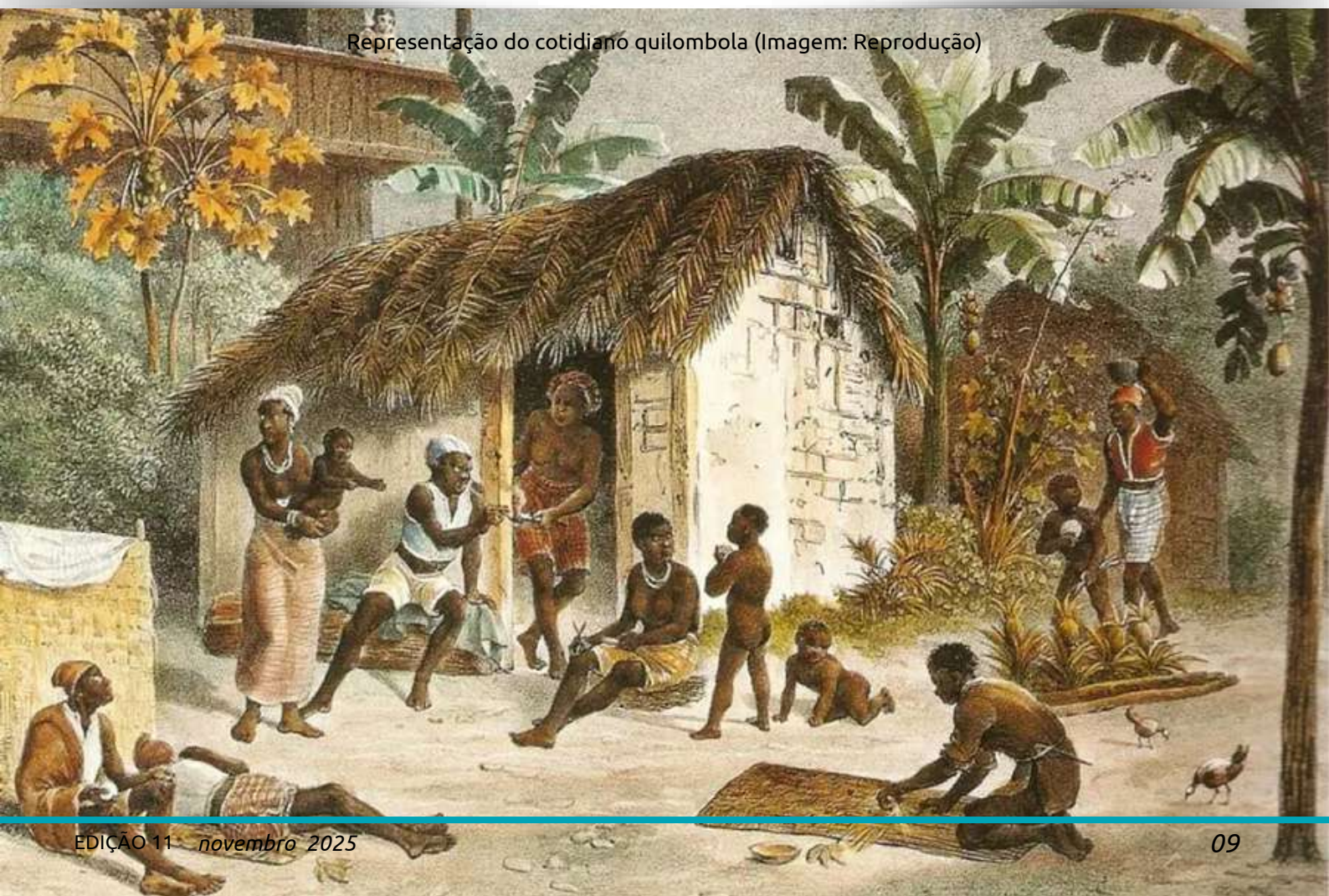
Ser antirracista é agir. E essa ação não depende apenas de grandes feitos ou de políticas públicas elaboradas: ela começa nas pequenas atitudes do cotidiano, nos gestos, nas palavras e nas escolhas que reforçam ou combatem o preconceito. É necessário um descondicionamento do olhar, a disposição de se sentir desconfortável diante do que sempre foi naturalizado. A consciência a ser despertada no dia 20 de novembro não é apenas a consciência negra, mas a consciência social — de brancos e negros — sobre a responsabilidade coletiva de mudar a realidade.

Nesse processo, a educação antirracista desempenha um papel fundamental. Ela propõe uma revisão da história sob uma perspectiva decolonial, valorizando a trajetória e a identidade dos diferentes povos que formaram o Brasil, sem hierarquizá-los. Além de promover o sentimento de pertencimento entre os alunos negros, a educação antirracista fortalece o respeito à diversidade e combate às desigualdades dentro e fora das escolas. Isso requer um currículo que contemple as culturas africana e afro-brasileira, conforme estabelece a Lei nº 10.639/2003, e que incentive professores e alunos a refletirem criticamente sobre o racismo e suas consequências.

A escola, portanto, é o espaço onde a transformação pode começar. Ela deve ir além de ações pontuais ou de discursos de ocasião, assumindo o combate ao racismo como parte de seu projeto político-pedagógico. O papel do educador é essencial nesse processo, pois cabe a ele ensinar a história como ela realmente é, promover o respeito, a empatia e o senso de justiça social. Uma sociedade que valoriza igualmente todos os seus grupos é uma sociedade mais rica, mais democrática e mais humanizada.

Mais do que um feriado, o Dia da Consciência Negra é um chamado à ação e à responsabilidade. Ele nos lembra que o racismo não se combate com silêncio, mas com educação, atitude e empatia. Reconhecer a importância da cultura africana e combater as práticas discriminatórias não é tarefa apenas da população negra — é um dever de toda a sociedade. Afinal, todos ganham em um país que valoriza a diversidade e garante oportunidades iguais. Somente assim o Brasil poderá, de fato, se orgulhar de ser uma nação plural, justa e consciente de sua história.

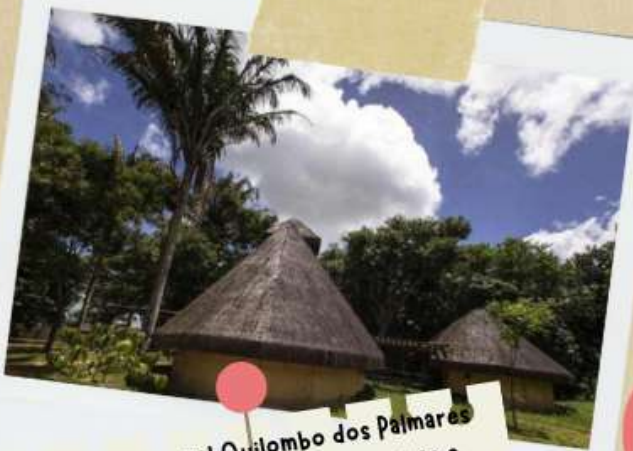
Representação do cotidiano quilombola (Imagem: Reprodução)



# SÍMBOLO DE LIBERDADE, RESISTÊNCIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

## QUILOMBO Dos Palmares

O Quilombo dos Palmares localizava-se na Serra da Barriga, região hoje pertencente ao município de União dos Palmares (AL). Foi tombado em 1986 como Patrimônio Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

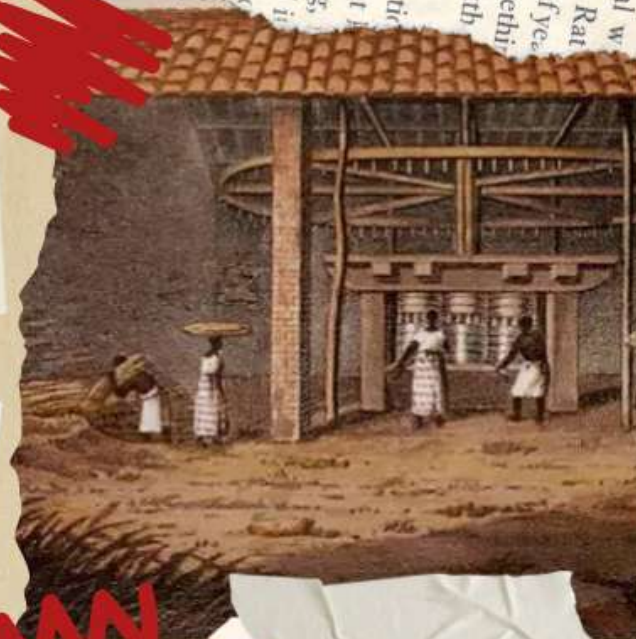


O Parque Memorial Quilombo dos Palmares Inaugurado em 2007, recria as casas e espaços do antigo quilombo, com nomes em línguas africanas como banto e yorubá:

- Onjê de Farinha – casa de farinha
- Oxile das Ervas – terreiro das ervas
- Muxima de Palmares – o coração do quilombo
- Batucajê – palco de danças e tambores

Também há mirantes (Toculo, Acaiene e Acaiuba) e o restaurante Kúuku-Wáana, que serve culinária afro-brasileira.

**Dia da Consciência Negra**  
20 de novembro — data da morte de Zumbi, transformada em símbolo nacional de luta contra o racismo e pela igualdade racial.



### Lideranças que marcaram a história

- Ganga-Zumba: primeiro líder reconhecido de Palmares; negociou um acordo de paz com os colonizadores (1678).
- Zumbi dos Palmares: sobrinho de Ganga-Zumba, recusou o acordo e liderou a resistência até sua morte em 1695.
- ➤ Zumbi é hoje considerado Herói Nacional (reconhecido em 1997).

- Resistência que inspirou o mundo
- Palmares resistiu por cerca de 100 anos às tentativas de destruição.
  - Enfrentou 30 expedições militares e sobreviveu graças à sua localização estratégica e ao espírito coletivo.
  - Reunia diversos quilombos e tornou-se uma verdadeira confederação de comunidades livres.



### Significado cultural

- O Quilombo dos Palmares representa:
  - A autonomia dos povos africanos e indígenas no Brasil colonial.
  - A organização social e econômica própria, baseada na agricultura e na solidariedade.
  - Um símbolo vivo de resistência à opressão e à desigualdade.



# ZUMBI DOS PALMARES: O HERÓI DA RESISTÊNCIA

- Zumbi nasceu em 1655, na então Capitania de Pernambuco, e foi capturado ainda criança durante uma expedição portuguesa contra o Quilombo dos Palmares.
- Foi batizado como Francisco e entregue ao padre Antônio Melo, mas fugiu aos 15 anos para retornar ao quilombo — símbolo de resistência à escravidão.
- Era um líder militar e espiritual do Quilombo dos Palmares, o maior e mais duradouro do período colonial, localizado na Serra da Barriga (atual Alagoas).
- O Quilombo dos Palmares chegou a abrigar mais de 20 mil pessoas, incluindo negros fugidos, indígenas e até brancos pobres.
- Zumbi foi morto em 20 de novembro de 1695, após ser traído e capturado pelas tropas coloniais. Sua cabeça foi exposta em Recife para servir de exemplo, mas acabou se tornando um símbolo de luta e liberdade.
- Em 1995, exatos 300 anos após sua morte, Zumbi foi oficialmente reconhecido como Herói Nacional pelo Congresso brasileiro.



**“Zumbi”** em quimbundo (língua africana banta) significa **“fantasma”, “espírito” ou “força invisível”** — símbolo de resistência que transcende a morte.

Dandara, companheira de Zumbi, também foi uma líder guerreira, reconhecida hoje como ícone do feminismo negro e da resistência quilombola.



## Referências

BRASIL. Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 nov. 2011.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade: ensaios sobre ações afirmativas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2019.

RIBEIRO, Djamil. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Joel Rufino dos. Zumbi: o último herói dos Palmares. 15. ed. São Paulo: FTD, 2016.

É VERDADE. #SQN

É VER  
DADE.  
#SQN



## ABA “MASCARA” O AUTISMO.

Por *Mateus Silva*

Um dos discursos que mais têm ganhado força nas redes sociais é o de que a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) “faz a pessoa autista mascarar seus comportamentos”, como se o objetivo fosse ensinar alguém a fingir, disfarçar ou esconder sua forma de ser. Esse tipo de afirmação, além de perigosíssima, revela uma compreensão muito superficial e distorcida do que a ciência ABA realmente propõe.

A ABA não busca apagar traços autísticos ou forçar a pessoa a se encaixar em padrões sociais, como essa afirmação diz. O que ela faz é identificar repertórios que podem ampliar a autonomia e a participação social, sem eliminar a identidade da pessoa. Ensinar uma criança a pedir ajuda, a tolerar uma mudança de rotina ou a lidar com frustrações não é mascarar, é criar condições para que ela possa se comunicar e viver com menos sofrimento durante toda a vida. Pegou a diferença?

Em nenhum momento, a prática ética da ABA propõe que uma pessoa autista deva esconder estereótipias, reprimir seus interesses ou se comportar como “neurotípicos”. Muito pelo contrário: a ABA moderna valoriza o respeito à singularidade e às preferências da pessoa, reconhecendo que cada indivíduo tem uma maneira única de perceber e interagir com o mundo.

Quando falamos em ensinar habilidades sociais ou emocionais, estamos falando de ampliar possibilidades, não de impor padrões. Por exemplo, ajudar uma criança a compreender pistas sociais pode permitir que ela se sinta mais segura em uma conversa; ensinar a comunicar desconfortos reduz crises e melhora relacionamentos. Isso não apaga o autismo, isso dá voz e poder de escolha.

O verdadeiro mascaramento acontece quando o ambiente é punitivo, quando a pessoa sente que precisa esconder quem é para ser aceita. E é justamente isso que a ABA contemporânea combate e luta todos os dias, a ideia é promover contextos reforçadores, acolhedores e compassivos, onde comportamentos funcionais são ensinados com base no respeito, e não na coerção.

Portanto, quando ouvirem dizer que ABA mascara o autismo, lembrem-se de que ABA não mascara. A ciência ABA ajuda a ensinar habilidades que reduzem barreiras e fortalecem a autonomia, sempre respeitando a identidade e a história de cada pessoa.



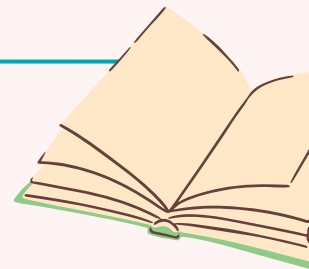
### Conheça *Mateus Silva*

Mateus Silva é psicólogo, especialista em Análise do Comportamento pela PUC Goiás, pós-graduando em Análise do Comportamento pela UFSCar e mestrando em ABA.

Atua com desenvolvimento infantil desde 2020, com experiências que incluem as funções de Acompanhante Terapêutico (AT), terapeuta aplicador, psicólogo clínico, coordenador e supervisor.

Atualmente, trabalha como supervisor de casos, contribuindo para o planejamento e acompanhamento de intervenções baseadas em Análise do Comportamento Aplicada.

# ALFABETIZAR É ENCANTAR!



Práticas pedagógicas eficazes para transformar o ciclo de alfabetização em uma jornada divertida, significativa e cheia de descobertas.

**Por Débora Fernandes**

Existem práticas Pedagógicas eficazes para o Ciclo de Alfabetização? SIM! E vou dar exemplos práticos para uma alfabetização divertida, possível e eficaz!

Sabemos que alfabetização é um processo fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças. No ciclo de alfabetização consolidam-se as bases da leitura e da escrita, essenciais para o sucesso escolar e para a participação ativa na sociedade. Mais do que ensinar o código escrito, alfabetizar significa possibilitar que o aluno compreenda o funcionamento da linguagem e use a leitura e a escrita de forma significativa em diferentes contextos. Diante desse desafio, este artigo tem como objetivo refletir sobre práticas pedagógicas eficazes que favorecem o processo de alfabetização, considerando as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as contribuições de autores como Magda Soares e Emília Ferreiro.

Segundo Magda Soares (2018), alfabetização e letramento são processos indissociáveis: enquanto a alfabetização envolve a apropriação do sistema de escrita, o letramento refere-se ao uso social da leitura e da escrita. Assim, as práticas pedagógicas devem promover situações reais de leitura e produção de textos desde os primeiros anos. Já Emília Ferreiro (1999), destaca que a criança constrói hipóteses sobre a escrita, e o professor precisa reconhecer e valorizar essas etapas, propondo desafios que levem o aluno a avançar em seu conhecimento. A BNCC (2017) reforça essa concepção ao afirmar que o ensino da língua deve ocorrer em contextos significativos, com base em gêneros textuais diversos e em práticas que integrem oralidade, leitura, escrita e análise linguística.



As práticas pedagógicas eficazes no ciclo de alfabetização devem considerar o desenvolvimento integral da criança e o respeito ao seu ritmo de aprendizagem. E principalmente fazer sentido para o aluno. Segue algumas sugestões de práticas pedagógicas que realizei ao longo de 20 anos de sala de aula e principalmente na alfabetização:



# práticas pedagógicas para o ciclo de alfabetização

|                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Situações de leitura e escrita</b>                         | Propor atividades com sentido social, como listas, bilhetes, convites e receitas, estimula o interesse e a compreensão da função da escrita.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Mediação, intervenção intencional e avaliação contínua</b> | A mediação e a intervenção intencional, aliadas à avaliação contínua, permitem que o professor observe, escute e questione seus alunos, planejando intervenções adequadas ao nível de aprendizagem de cada um, com base em avaliações diagnósticas e formativas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Trabalho com a consciência fonológica:</b>                 | Atividades com rimas, segmentação e sons das palavras ajudam a compreender as relações entre som e grafia. Uma dica extra: começar com atividades e músicas que contemplem primeiramente o som das vogais, depois sílabas simples e por último sílabas complexas facilita a compreensão do sistema de escrita. Duas sugestões de músicas que ajudam nesse processo: “As Letras Falam” e Grupo Triii - “A E I O U”. Eu cantava quase diariamente essas músicas quando estava com sala de alfabetização, e funciona. As crianças aprendem cantando e se divertindo. |
| <b>Uso da literatura infantil</b>                             | Ler histórias todos os dias faz toda a diferença! A literatura infantil amplia o vocabulário, desperta o interesse pela leitura e ajuda as crianças a compreender melhor os textos, fortalecendo o processo de leitura e escrita.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Sequências didáticas e projetos</b>                        | Projetos de leitura e escrita, como a produção de um bilhete para o amigo da sala, uma lista das brincadeiras favoritas, jornal da turma, livro de parlendas, verbetes e fábulas curtas, ou um jogral de poemas no pátio da escola, estimulam a autoria e o engajamento.                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Duplas produtivas</b>                                      | Ao organizarmos duplas produtivas, colocamos juntos um aluno que ainda não reconhece os valores sonoros das letras com outro que já faz essa correspondência com mais segurança. Durante as atividades, um ajuda o outro e, nesse diálogo, ambos aprendem. O aluno mais avançado explica o porquê de usar determinada letra inicial ou final, enquanto o outro passa a refletir sobre suas próprias escolhas na escrita. Essa troca torna o aprendizado mais significativo e fortalece a compreensão do sistema alfabético.                                       |
| <b>Rotina e organização do tempo</b>                          | Essa prática, para mim, é uma das mais importantes e eficazes. A rotina e a boa organização do tempo são essenciais para o sucesso do trabalho em sala de aula. Quando o professor tem uma rotina bem estruturada, com objetivos claros e comandos definidos, ele conduz o processo de ensino com segurança e intencionalidade. Nessas condições, o professor realiza intervenções precisas, que realmente fazem o aluno pensar, participar e aprender de forma ativa. Uma sala sem rotina perde o ritmo, e o aprendizado deixa de ser significativo.             |

Sabemos que os principais desafios do ciclo de alfabetização são as turmas heterogêneas, a falta de formação continuada, ausência da família no cotidiano escolar e o uso de práticas descontextualizadas. Mas cabe ao professor alfabetizador promover práticas pedagógicas eficazes para garantir o direito de toda criança de aprender a ler e a escrever com compreensão e prazer. A atuação intencional do professor, aliada a um ambiente alfabetizador rico e desafiador, é o caminho para formar leitores e escritores autônomos. Mais do que ensinar o código, alfabetizar é formar sujeitos críticos, criativos e participantes da sociedade letrada.



### Conheça *Débora Helena Fernandes*

*Atua como Secretária da Educação em Colina - SP, foi professora alfabetizadora, é pedagoga, com Especialização em Alfabetização. Com experiência de mais de 20 anos em sala de aula, a maior parte desse tempo foi alfabetizando. "Alfabetizar é fazer uma mágica acontecer: não há sentimento mais gratificante do que ver o sorriso no rosto de um aluno que acabou de ler ou escrever algo que tanto queria."*

#### Referências:

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.  
FERREIRO, Emília. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.  
SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

## CONTINUE

*Por Tetê Ribeiro*

### **Quando precisamos seguir após a partida de alguém.**

De um segundo para outro aquela pessoa que estava próxima de nós vai embora. Às vezes nem chega a ser um segundo, mas, a partir daquele momento, deixaremos de receber ou fazer ligações, festas de fim de ano, aniversários, Copas do Mundo, Olimpíadas ou outros momentos compartilhados com quem se foi passam a ser ocupados pela sensação de vazio, incompletude.

Às vezes acontece o contrário: o diagnóstico de uma doença fatal torna cada momento uma despedida. Não comentamos nada sobre isso, mas esse sentimento está ali, rondando. Enquanto os familiares/amigos percebem um apagamento da pessoa à medida que a doença avança, do outro lado, existe o sentimento de que a hora da despedida nunca chegue.

De todo jeito, repentinamente ou aos poucos, ela vem.

Eles vão, nós ficamos.

## Como continuar?



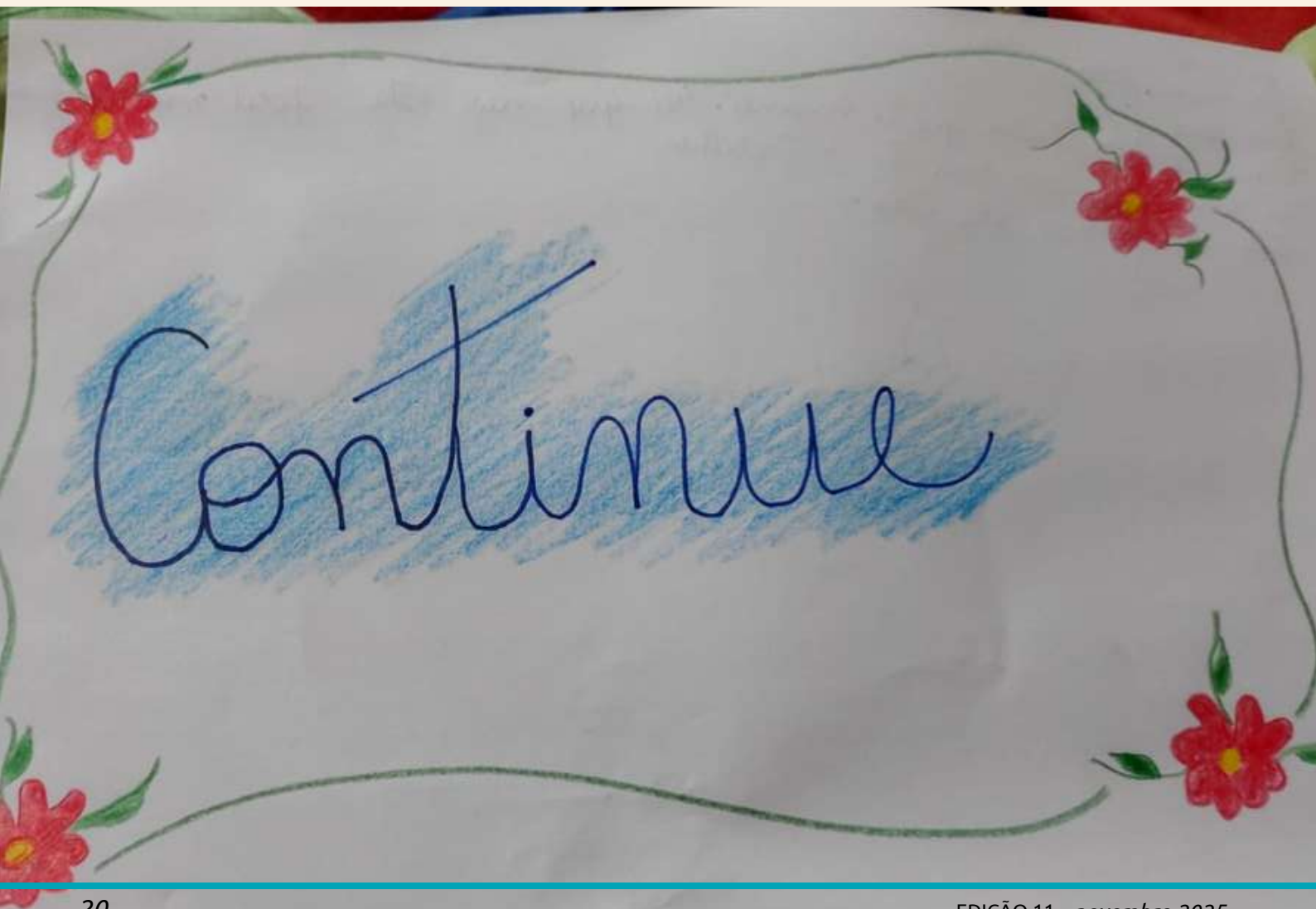
## DICA DO PROFISSIONAL

---

Confesso que passei pelas duas situações: perda repentina e gradativa, causada por um câncer. Pra mim, as datas comemorativas são as mais críticas. No Natal, por exemplo, como ritual pra mim mesma, coloco as fotos no aparador todo enfeitado com motivos natalinos. É como se eles estivessem aqui.

No consultório, tive uma cliente que veio especificamente pra trabalhar o luto pela perda repentina da mãe. O ponto alto foi quando sugeri que ela pensasse em uma palavra que poderia defini-la e escrever no centro de uma folha, do tamanho que acreditava que aquela palavra deveria ser e, claro, decorasse conforme seu coração permitisse.

O trabalho final ficou lindo, ela não só pensou em escrever, como decorou com flores, representando a música que a mãe gostava. Quando ela mostrou essa obra que saiu de sua alma, fomos tomadas pela emoção de ver a vida seguir.



# AS 5 FASES DO LUTO

## NEGAÇÃO:

Recusamos na aceitação da perda.

## RAIVA:

Percebemos que é real. Vem a irritação, ressentimento ou raiva direcionada a si mesmo, a outros ou até à própria pessoa que se foi.

## BARGANHA:

Negociação com o divino ou em relação a pensamentos do tipo “Se eu tivesse feito diferente...”

## DEPRESSÃO

Entendemos que é real, que não tem como barganhar. Os sentimentos de tristeza, vazio e desinteresse estão mais presentes na tentativa de elaborar o significado da perda.

## ACEITAÇÃO

Reconhecemos a morte como parte da vida, aprendemos a viver com a ausência.

## DICA DO PROFISSIONAL



Se você chegou até aqui, é importante ressaltar que a Dra. Kübler-Ross dizia que as fases não necessariamente seguem a ordem acima e podem saltar entre elas ou nem chegar a acontecer.

Pra finalizar eu quero te contar qual foi a palavra que a minha cliente escreveu para homenagear a mãe:

CONTINUE!



### Conheça *Tetê Ribeiro*

*É pedagoga, psicopedagoga, jornalista e psicóloga. Tutora de 6 gatos. Mãe do Igor, TEA 1N/AH e Iuri, TDAH/AH.*

## INCLUSÃO COMPORTAMENTAL: O PAPEL DO RH E DA LIDERANÇA NA CONSTRUÇÃO DE CARREIRAS NEURODIVERGENTES

*Por Silvia Cristina A. dos Santos*

Vivemos uma era em que falar sobre diversidade e inclusão deixou de ser apenas uma tendência para se tornar um imperativo ético e estratégico. No entanto, entre os diferentes recortes da diversidade, o tema da neurodivergência ainda é um campo que exige mais sensibilidade, preparo e, sobretudo, ação comportamental dentro das organizações.

A inclusão comportamental começa quando o olhar do RH e da liderança se desloca da padronização para o entendimento genuíno das diferenças. Pessoas neurodivergentes — como autistas, TDAHs, disléxicos ou com altas habilidades trazem formas únicas de perceber o mundo, processar informações e resolver problemas.

O desafio não está em “adaptá-las” ao ambiente corporativo, mas em revisitar comportamentos organizacionais que muitas vezes reforçam exclusões sutis: a pressa, o excesso de ruído, a rigidez na comunicação ou a falta de clareza nas expectativas. É nesse ponto que surge uma oportunidade valiosa: compreender o comportamento humano de forma mais profunda.



É aqui que a Análise do Comportamento oferece uma lente poderosa. Em vez de julgamentos, ela propõe observação, registro e intervenção baseada em evidências. Compreender os reforçadores que aumentam o engajamento, reduzir estímulos que geram sobrecarga sensorial e criar contingências positivas que favoreçam o desempenho são práticas que podem transformar não apenas o trabalho de pessoas neurodivergentes, mas o clima organizacional como um todo. Mas compreender é apenas o primeiro passo — a inclusão real acontece na convivência diária.

Mas a inclusão não acontece de forma isolada ela depende de interação social e pertencimento. A integração saudável de uma pessoa neurodivergente no ambiente de trabalho passa pela preparação da equipe. Isso envolve promover rodas de conversa, capacitações e espaços de escuta, onde os colegas possam compreender melhor o que é neurodiversidade e como agir com respeito, empatia e acolhimento. Pequenos gestos como respeitar o tempo de resposta de alguém, evitar estímulos excessivos, ou adaptar a forma de comunicação geram um impacto profundo no bem-estar e na produtividade. Quando essa consciência se espalha, o ambiente inteiro se transforma.

Quando o grupo entende que inclusão não é sobre tratar todos de forma igual, mas oferecer condições justas e personalizadas, o ambiente se torna mais colaborativo e humano. Assim, cada colaborador passa a ser um agente ativo de inclusão, e não apenas um espectador. E para que isso aconteça, o papel do RH e da liderança é fundamental.



Já o papel da liderança é agir como modelo — praticando escuta ativa, clareza nas instruções e flexibilidade nos métodos. Um líder inclusivo entende que não há um único caminho de entrega; há diferentes formas de alcançar o mesmo resultado. A neurodiversidade, quando bem compreendida, é fonte de inovação, pensamento crítico e criatividade, e não de limitação. Por isso, investir em carreiras neurodivergentes é investir em uma nova cultura de gestão.

Investir em carreiras neurodivergentes significa criar percursos profissionais onde cada pessoa possa se desenvolver em seu próprio ritmo, com metas realistas e feedbacks estruturados. Significa repensar processos de recrutamento e avaliação de desempenho, garantindo que a análise de potencial considere não apenas o que é visível, mas também o que é silenciosamente valioso. E, no fim das contas, a verdadeira transformação não está nas políticas — está no comportamento.

Mais do que políticas, a inclusão comportamental requer mudança cultural — e toda cultura se transforma a partir do comportamento. São pequenas ações diárias que constroem pertencimento: um líder que ajusta a forma de comunicação, um colega que se dispõe a entender o outro, um RH que revisa um processo seletivo para torná-lo mais acessível.

Quando o comportamento muda, o ambiente muda. E quando o ambiente muda, as pessoas florescem.



### *Conheça* **Silvia Cristina A. dos Santos**

*CEO na PPT Consultoria, especialista em Executive Coach e Gestão de Pessoas, com 20 anos de experiência em todos os subsistemas de RH.*

*Atua como mentora de carreira e líder de uma equipe comprometida em oferecer soluções estratégicas em gestão de pessoas e recrutamento interno. Psicóloga, com MBAs em Gestão Empresarial (FGV) e Gestão de Pessoas (Uni-Anhanguera), certificada em Executive Coach pela Sociedade Brasileira de Coaching e em Mentoria Executiva pela ERLICH Mentoring.*

# DESCE DAÍ! COMO TIRAR O AÇÚCAR DO PEDESTAL E EDUCAR PALADARES MAIS LIVRES

*Por Aline Alves*

*Na ciência ABA, a comida, e especialmente o açúcar, muitas vezes entra em cena como reforço positivo. Mas quando o reforço se torna rotina, o doce pode deixar de ser símbolo de conquista e virar dependência emocional.*

O açúcar tem RG, sobrenome e até reputação. É quase um membro da família — sempre presente nas festas, nas sobremesas de domingo, nas recompensas por um dia difícil. Crescemos ouvindo que ele é sinônimo de amor, de aconchego, de infância bem vivida. Ele não é apenas um ingrediente: é um personagem que nos habita, doce e dominante, moldando memórias, tradições e afetos.





*"EM UMA REVISÃO BRASILEIRA INTITULADA "REPERCUSSÕES DO CONSUMO DE ALIMENTOS AÇUCARADOS NOS PRIMEIROS CINCO ANOS DE VIDA", AS AUTORAS APONTAM QUE O CONSUMO EXCESSIVO NOS PRIMEIROS ANOS MODIFICA O ESTADO NUTRICIONAL E PODE GERAR HÁBITOS DIFÍCEIS DE REVERTER".*

Mas esse personagem, tão querido, às vezes passa dos limites. Se mete em tudo, fala mais alto que os outros sabores, exige atenção constante. E nós, acostumados ao seu carisma, demoramos a perceber que o encanto pode ter virado dependência.

Talvez seja hora de mudar o enredo: descer o açúcar do pedestal também é uma forma de celebrar com mais presença, mais consciência e, quem sabe, mais sabor de verdade, mais mão na massa.

Como jornalista, aprendi a investigar narrativas, e o danado do açúcar é uma das mais poderosas que já contamos a nós mesmos. No Brasil, há dados alarmantes: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 11,5% das crianças de até 2 anos tomam refrigerante, e 25% comem doces ou balas nessa faixa etária.

(O Globo) Um estudo mais recente do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI) apontou que 60,6% da alimentação de crianças de 6 meses a 2 anos já inclui doces ou açúcares, e entre 2 e 5 anos esse percentual sobe para 80,4%. (Diário do Pará) Em outro levantamento da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), 54% dos produtos direcionados a crianças e com marketing infantil têm alto teor de açúcar ou gordura. (portal.unifesp.br).

Esse cenário revela que o açúcar não chegou à mesa por acaso — ele está convidado, anunciado, reforçado. Como mãe atípica, aprendi que o mundo nem sempre entende que o excesso de estímulo, até o de sabores que gostamos muito, podem confundir mais do que acolher.

Na cozinha, virei investigadora de gostos e texturas. Descobri que uma maçã assada tem sua própria poesia, que o cacau puro tem coragem de ser amargo, e que o doce não precisa gritar para ser lembrado. Educar o paladar é também um ato de escuta: é dar ao corpo o direito de escolher, sem vícios impostos disfarçados de recompensas açucaradas.

## ESCREVENDO EM FOGO BAIXO

---

Na ciência ABA, a comida, e especialmente o açúcar, muitas vezes entra em cena como reforço positivo. É uma estratégia que funciona, sim, para motivar, engajar, aproximar. Mas quando o reforço se torna rotina, o doce pode deixar de ser símbolo de conquista e virar dependência emocional. Para crianças neurodivergentes, que já vivem em universos sensoriais intensos, esse cuidado precisa ser redobrado. A ideia não é retirar o prazer, mas ampliá-lo: ensinar que há outras formas de recompensa — um abraço, um tempo de brincar, um elogio dito com verdade. Reforçar também pode ser nutrir, e nutrir vai muito além do sabor.

Em outro estudo nacional, de crianças com menos de dois anos que apresentavam dificuldades alimentares, verificou-se elevada ingestão de açúcar, o que alerta para intervenções precoces. ([Portal de Periódicos UEL](#)) Além disso, o Ministério da Saúde publicou a diretriz “zero açúcar para crianças até 2 anos”, enfatizando que a introdução de alimentos doces ou com açúcar adicionado nessa fase deve ser evitada. ([Serviços e Informações do Brasil](#))

E para rebaixar o açúcar do trono, colocá-lo no mesmo nível dos outros ingredientes e, quem sabe, ensinar que o prazer também mora na simplicidade de um legume bem temperado, num pão caseiro, num olhar curioso diante de um tipo novo de tomate, por exemplo.

***Porque o açúcar, afinal, não é vilão nem herói: é um velho conhecido que precisa reaprender a conviver conosco. E quando alguém me pergunta se aqui em casa tem doce, respondo com leveza:***

***— Tem sim. Mas ele já sabe o lugar dele, e eu também.***





### Conheça *Aline Alves*

*Jornalista, mãe atípica e culinária dedicada à comunicação, escrita de conteúdos sobre comida e alimentação infantil com comida de verdade.*

*Além disso, trabalha também com aulas para pais e filhos com uma proposta culinária mais afetiva e natural para crianças e famílias, em especial as atípicas.*

*@aline.reall*



## INDICAÇÃO DE LEITURA

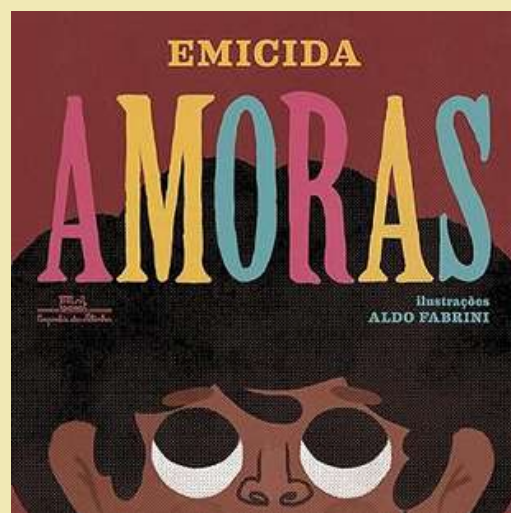


# AMORAS: POESIA, ANCESTRALIDADE E AMOR-PRÓPRIO NA VOZ DE EMICIDA

*Entre rimas e afetos, uma lição sobre identidade, representatividade e amor próprio desde a infância*

O livro *Amoras*, escrito por Emicida e ilustrado por Aldo Fabrini, é uma delicada e poderosa obra da literatura infantil brasileira que fala sobre identidade, autoestima e representatividade negra. Inspirado em uma canção do próprio autor, o livro nasce do desejo de mostrar às crianças — especialmente às crianças negras — que elas são lindas, fortes e importantes exatamente do jeito que são.

A narrativa é conduzida pela voz de uma menina curiosa, que observa o mundo ao seu redor e reflete sobre quem ela é. O título faz referência à fruta “amora”, usada como símbolo da beleza da pele preta — uma metáfora poética e acessível, que aproxima as crianças de um tema profundo de forma leve e afetiva. A menina aprende que “quanto mais preta, mais doce”, resignificando o olhar sobre si mesma e sobre o outro.



## DICA DE LEITURA

O texto de Emicida é curto, rimado e cheio de musicalidade, o que o torna encantador para leitura em voz alta. Cada frase carrega um convite à reflexão sobre amor próprio, ancestralidade, diversidade e orgulho das raízes. As ilustrações vibrantes de Aldo Fabrini dialogam com o texto e ampliam a mensagem, mostrando uma infância feliz, livre e repleta de cores.

Amoras é muito mais do que um livro infantil — é uma ferramenta de educação antirracista, que contribui para a formação de uma geração mais consciente, empática e confiante. Ao mesmo tempo em que acolhe e fortalece crianças negras, a obra também ensina todas as crianças a respeitar e celebrar as diferenças, promovendo igualdade e pertencimento.

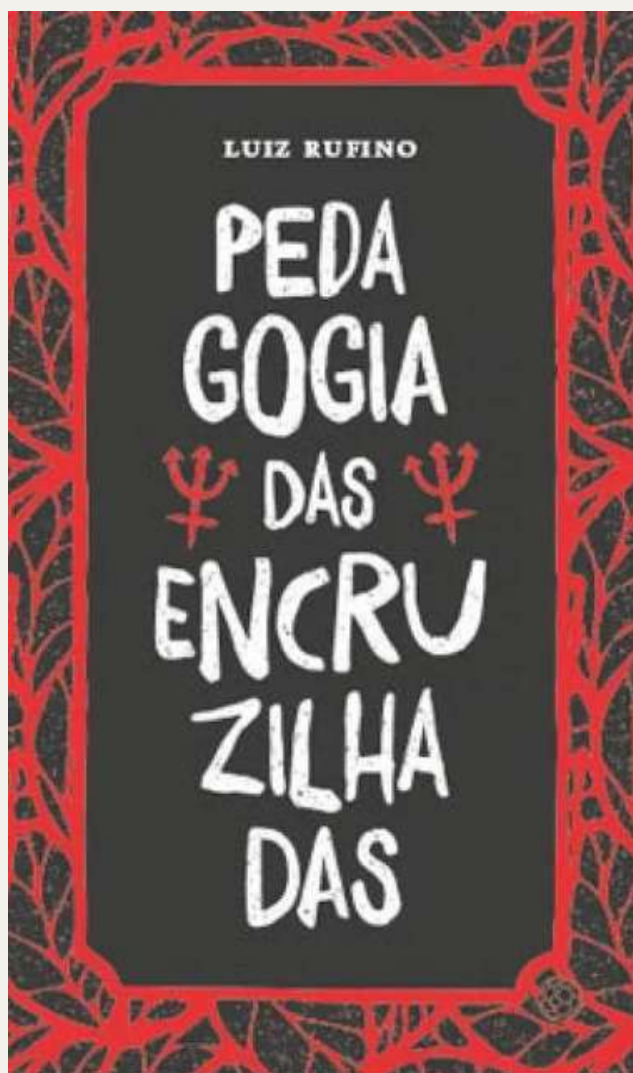
Em síntese, Amoras é uma leitura sensível e necessária. Com poesia e afeto, Emicida transforma o cotidiano em um ato de resistência e amor, lembrando que o primeiro passo para mudar o mundo é aprender a amar quem a gente é.



*Veja só, veja só, veja só, veja só  
Mas como o pensar infantil fascina  
De dar inveja, ele é puro, que nem Obatalá  
A gente chora ao nascer, quer se afastar de Alla  
Mesmo que a íris traga a luz mais cristalina  
Entre amoras e a pequenina eu digo:  
As pretinhas são o melhor que há  
Doces, as minhas favoritas brilham no pomar  
E eu noto logo se alegrar os olhos da menina  
Luther King vendo cairia em pranto  
Zumbi diria que nada foi em vão  
E até Malcolm X contaria a alguém  
Que a doçura das frutinhas sabor acalanto  
Fez a criança sozinha alcançar a conclusão  
Papai que bom, porque eu sou pretinha também*

## NA ENCRUZILHADA DO SABER: A EDUCAÇÃO COMO ATO DE REEXISTÊNCIA

A obra de Luiz Rufino transforma o ensino em um território de encontros, memórias e resistências afro-brasileiras.



Pedagogia da Encruzilhada, de Luiz Rufino, é uma obra potente e transformadora que propõe uma nova forma de pensar a educação brasileira — uma educação decolonial, nascida dos saberes afro-brasileiros, indígenas e populares, que historicamente foram silenciados pelas estruturas eurocêntricas de ensino. O autor utiliza a metáfora da encruzilhada — lugar de encontro, troca e travessia — como símbolo de um pensamento que acolhe o diverso e o contraditório, rompendo com os caminhos únicos e lineares da pedagogia tradicional.

Na visão de Rufino, a encruzilhada é espaço de diálogo entre mundos: o racional e o espiritual, o acadêmico e o popular, o corpo e a palavra. A partir desse ponto de vista, ele constrói uma pedagogia que valoriza o corpo, o território, a ancestralidade, o mito e o encantamento como fontes legítimas de conhecimento. A obra convida educadores e leitores a refletirem sobre a escola como um espaço vivo, capaz de aprender com a cultura, com a oralidade e com as experiências comunitárias.

O texto, poético e filosófico, mistura ensaio, narrativa e poesia, em um estilo que reflete a própria ideia da encruzilhada — não há fronteiras rígidas entre pensamento e emoção, teoria e prática. Luiz Rufino propõe uma educação libertadora e encantada, em que o ato de ensinar é também um ato de cura, resistência e reexistência.

As imagens simbólicas e a linguagem vibrante reforçam a força da obra, cuja capa colorida evoca tambores, fitas e ruas cruzadas — elementos da cultura afro-brasileira que representam movimento, ritmo e coletividade.

Mais do que um livro sobre educação, Pedagogia da Encruzilhada é um manifesto de esperança e reconstrução, que desafia o leitor a repensar o modo como ensinamos, aprendemos e existimos. É uma leitura essencial para quem acredita que a educação pode ser um caminho de libertação, conexão e transformação social — um convite para “desaprender” o que limita e reaprender o que nos humaniza.

## LIVROS QUE ACORDAM PALAVRAS

Histórias que despertam a imaginação, a linguagem e o prazer de ler nas crianças em processo de alfabetização.

O processo de alfabetização vai muito além de aprender a decifrar letras — é uma travessia encantada em que a criança descobre o poder das palavras, dos sons e das histórias que a fazem pensar, sentir e imaginar. Ler com sentido é acordar o mundo que existe dentro de cada leitor em formação. E nada melhor do que boas histórias para conduzir esse despertar.

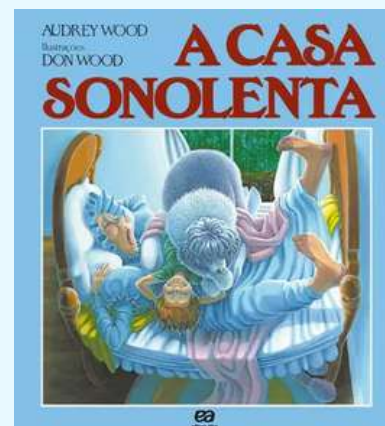
Obras como *A Casa Sonolenta*, *O Sanduíche da Maricota*, *O Caso do Bolinho*, *Chapeuzinho Amarelo* e *Gato pra cá, rato pra lá* são verdadeiros convites à brincadeira com a linguagem. Elas rimam, repetem, surpreendem e fazem rir — transformando o ato de ler em um jogo prazeroso de descobertas. Cada texto, com seu ritmo e musicalidade próprios, convida as crianças a explorar sons, padrões, emoções e ideias, estimulando a curiosidade e o desejo de continuar lendo.

Essas narrativas simples e poéticas criam pontes entre a palavra e o mundo, entre o aprender e o sentir. Ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades linguísticas e cognitivas, elas despertam o encantamento pela leitura — um passo essencial para formar leitores autônomos, criativos e apaixonados por histórias. Ler, afinal, é muito mais do que juntar letras: é acordar as palavras que dormem dentro de nós.



# A CASA SONOLENTA

A leitura da obra *A Casa Sonolenta*, de Audrey Wood, oferece inúmeras oportunidades de aprendizagem para a Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental. A narrativa simples, repetitiva e encadeada – em que personagens adormecem um a um dentro de uma casa acolhedora até que algo inesperado acontece – favorece o desenvolvimento da linguagem oral, da escuta atenta e da compreensão de sequência lógica dos acontecimentos.



## PROPOSTA:

Dramatizar a história, construir maquetes da casa, desenhar os personagens ou criar novas versões para o final, exercitando a criatividade e a imaginação.

### LINGUAGEM

No campo da linguagem, a estrutura cumulativa do texto estimula a memorização e a antecipação de palavras e frases, ampliando o vocabulário e promovendo a consciência fonológica. Ao ouvir ou ler a história, as crianças aprendem a reconhecer padrões linguísticos e a participar da leitura compartilhada, fortalecendo a fluência e o prazer em ler.

### COGNITIVO

Do ponto de vista cognitivo, a história propicia reflexões sobre noções de tempo, espaço e ordem, pois os personagens aparecem em sequência dentro da casa, o que pode ser explorado com atividades de ordenação de imagens, reconstrução da narrativa e identificação de causas e consequências.

### SOCIOEMOCIONAL

Em termos socioemocionais, *A Casa Sonolenta* desperta sentimentos de aconchego, cuidado e convivência. Os personagens vivem juntos em um ambiente familiar e acolhedor, o que permite discutir temas como afetividade, rotina, descanso e convivência harmoniosa.

A obra é um convite à expressão artística e corporal. As crianças podem dramatizar a história, construir maquetes da casa, desenhar os personagens ou criar novas versões para o final, exercitando a criatividade e a imaginação. Assim, *A Casa Sonolenta* se transforma em uma rica experiência literária e pedagógica, que integra linguagem, emoção e arte no processo de aprender.

Texto repetitivo e ritmado,  
ótimo para treinar leitura com fluência.

# CHAPEUZINHO AMARELO

A obra *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, é um clássico da literatura infantil brasileira que oferece inúmeras oportunidades de aprendizagem, especialmente relacionadas ao desenvolvimento emocional, linguístico e criativo das crianças. Diferente da tradicional *Chapeuzinho Vermelho*, essa história apresenta uma menina dominada pelo medo — medo de tudo —, até o momento em que enfrenta o próprio “Lobo” e descobre sua força e coragem.



## PROPOSTA:

Dramatizações que representem os medos e suas superações, produções artísticas que ilustrem o antes e o depois da *Chapeuzinho*, rodas de conversa sobre sentimentos, produções textuais e poéticas inspiradas no estilo do autor.

### LINGUAGEM

No campo da linguagem, o texto poético e cheio de jogos de palavras estimula o raciocínio linguístico, o reconhecimento de rimas, aliterações e sonoridades, além de promover o enriquecimento do vocabulário. A leitura desperta a atenção para o ritmo e a musicalidade da língua, sendo um excelente recurso para trabalhar consciência fonológica e interpretação de textos literários.

### COGNITIVO

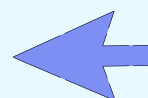
Do ponto de vista cognitivo e moral, a história estimula a reflexão crítica sobre como enfrentamos desafios e preconceitos. A desconstrução do “lobo” como símbolo do medo permite trabalhar o pensamento simbólico e a noção de que aquilo que nos assusta pode ser compreendido e resignificado.

### SOCIOEMOCIONAL

Sob o aspecto socioemocional, *Chapeuzinho Amarelo* é uma poderosa metáfora sobre o medo e a superação. Ao acompanhar a transformação da personagem — que passa de paralisada pelo medo a confiante e livre —, as crianças aprendem sobre autoconfiança, coragem e autoconhecimento. A obra favorece conversas sobre emoções, incentivando os alunos a nomear e compreender seus sentimentos, um passo essencial para o desenvolvimento da inteligência emocional.

*Chapeuzinho Amarelo* não é apenas uma história sobre uma menina e seu medo, mas uma lição de vida sobre enfrentar o que nos limita e descobrir a própria força, tornando-se uma leitura essencial para o crescimento integral das crianças — emocional, cognitivo e criativo.

Brinca com sons, sílabas e significados — excelente para alfabetização lúdica.



# O SANDUÍCHE DA MARICOTA

A leitura da obra *O Sanduíche da Maricota*, de Avelino Guedes, é uma excelente oportunidade para desenvolver diferentes aprendizagens de forma lúdica e significativa. A história, que apresenta a galinha Maricota preparando um sanduíche com ingredientes curiosos e inusitados, desperta a atenção das crianças e convida à reflexão sobre alimentação, convivência, criatividade e respeito às diferenças.



**PROPOSTA:** Atividades interdisciplinares: preparar um sanduíche coletivo, realizar uma feira de alimentos saudáveis, criar cartazes sobre nutrição ou dramatizar a história.

No campo da linguagem oral e escrita, a narrativa em formato rimado e repetitivo estimula a memorização, a escuta ativa e o reconto, favorecendo o desenvolvimento da consciência fonológica e o enriquecimento do vocabulário. A leitura coletiva também incentiva a participação das crianças, que podem antecipar palavras e frases, reforçando o prazer pela leitura e o envolvimento com o texto.

Do ponto de vista cognitivo, o livro permite explorar classificação de alimentos, cores, quantidades e sequências, além de promover a observação e a comparação entre os ingredientes escolhidos por Maricota e aqueles do cotidiano das crianças. As situações da história favorecem o raciocínio lógico e a capacidade de prever e interpretar acontecimentos.

Em relação ao aspecto socioemocional, a história traz mensagens sobre respeito às preferências e gostos individuais, valorizando a diversidade e a convivência harmoniosa. As crianças aprendem que nem todos gostam das mesmas coisas, mas que isso não impede a amizade e a cooperação.

A obra tem potencial para se tornar um recurso pedagógico rico, que une imaginação, linguagem, valores e práticas de vida saudável no processo de aprendizagem.

Trabalha vocabulário,  
sequência lógica e humor na leitura.



# O CASO DO BOLINHO

A leitura da obra *O Caso do Bolinho*, de Tatiana Belinky, oferece múltiplas oportunidades de aprendizagem, especialmente nos primeiros anos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Inspirada em contos tradicionais, a história narra a aventura de um bolinho que ganha vida, foge e encontra diversos animais pelo caminho, explorando temas como curiosidade, esperteza, consequências das ações e ciclo da vida.



## PROPOSTA:

Excelente oportunidade para atividades interdisciplinares, envolvendo culinária (preparo de bolinhos), artes visuais (construção dos personagens), dramatização e até ciências (observação de ingredientes e mudanças de estado físico no preparo da massa).

### LINGUAGEM

No campo da linguagem oral e escrita, a estrutura repetitiva e rimada da narrativa estimula a memorização, o reconto e a dramatização, contribuindo para o desenvolvimento da fluência verbal, da entonação e da consciência fonológica. As crianças podem brincar com as rimas e os sons, reconhecendo padrões de linguagem e ampliando o vocabulário.

### COGNITIVO

Do ponto de vista cognitivo, a história favorece a compreensão de sequência lógica e temporal, pois o bolinho passa por diferentes encontros ao longo do caminho. Essa progressão narrativa pode ser explorada com atividades de ordenação de imagens, reconstrução da história e identificação de causa e efeito ("o que aconteceu depois que o bolinho fugiu?").

### SOCIOEMOCIONAL

Em relação ao aspecto socioemocional, *O Caso do Bolinho* convida à reflexão sobre curiosidade, prudência e convivência com o outro. As crianças percebem que as escolhas têm consequências e que é importante ouvir conselhos e agir com cuidado, desenvolvendo noções de responsabilidade e empatia.

*O Caso do Bolinho* transforma-se em uma rica experiência pedagógica que integra leitura prazerosa, valores humanos e experimentação prática, despertando nas crianças a curiosidade, a imaginação e o prazer de aprender por meio das palavras, das descobertas e das vivências cotidianas.

Narrativa rimada que estimula memória e reconhecimento de padrões.



# GATO PRA CÁ, RATO PRA LÁ

A obra Gato pra cá, rato pra lá, de Sylvia Orthof, é um convite divertido à imaginação, ao jogo de palavras e às descobertas sobre convivência e diferenças. Com humor e leveza, a autora apresenta a relação entre um gato e um rato que vivem entre encontros e desencontros, mostrando que até personagens opostos podem aprender a se entender. Essa narrativa, repleta de ritmo e musicalidade, abre múltiplas oportunidades de aprendizagem para as crianças.



## PROPOSTA:

Inspiração para atividades artísticas e corporais: dramatizações, jogos de movimento, produção de máscaras, ilustrações dos personagens e até composições musicais baseadas no ritmo da narrativa.

### LINGUAGEM

Do ponto de vista da linguagem oral e escrita, o texto poético e rimado favorece o desenvolvimento da consciência fonológica, da memorização e da fluência leitora. As rimas e repetições permitem que as crianças brinquem com os sons das palavras, desenvolvendo sensibilidade para o ritmo da língua e ampliando o vocabulário. Além disso, a obra estimula o reconto e a criação de novas versões da história, incentivando a expressão oral e escrita.

### COGNITIVO

Do ponto de vista cognitivo, Gato pra cá, rato pra lá promove a observação, o raciocínio lógico e a sequência de ações, pois o enredo apresenta movimentos e situações que se repetem de forma cíclica e divertida. A história pode ser explorada com atividades de ordenação de cenas, dramatizações ou jogos corporais que ajudem as crianças a compreenderem a relação entre causa e efeito.

### SOCIOEMOCIONAL

Em relação ao aspecto socioemocional, a obra traz oportunidades para discutir amizade, empatia, convivência e respeito às diferenças. Ao perceber que gato e rato podem interagir de forma lúdica e não apenas como inimigos, as crianças aprendem sobre cooperação, tolerância e resolução pacífica de conflitos.

A leitura dessa obra de Sylvia Orthof transforma-se em uma rica experiência literária e pedagógica, que une linguagem, emoção, corpo e imaginação, despertando nas crianças o prazer pela leitura e o aprendizado por meio da brincadeira e da arte.

Ideal para jogos de leitura e reconhecimento fonêmico.



**R\$99** CADA

**+ BÔNUS**

# "Combinados para a escola"



# BLACK NOVEMBER



O momento de preparar sua  
*clínica* para **2026** é agora!

**Dante e Fanny**

em

**Um dia na Psicopedagoga**

# REVISTA ABA+

A todos , nosso sincero agradecimento pela leitura, pela presença constante e pela participação que dá vida a cada edição. Seguimos construindo este espaço juntos, e por isso convidamos cada leitor a divulgar nosso trabalho, compartilhar com quem possa se beneficiar e, claro, enviar sugestões e opiniões — elas são sempre bem-vindas e fundamentais para aprimorarmos o que fazemos. Juntos, seguimos mais fortes.

Nos vemos na próxima edição.

E aproveite para nos seguir nas redes sociais.

Muita coisa boa acontecendo aqui e lá.

**Com carinho,  
Equipe ABA+**



 @abamaisinfo

 [www.abamais.com](http://www.abamais.com)